



CENSURA, DISTANCIAMENTO E APROXIMAÇÕES: A COBERTURA SOBRE *O PASQUIM* NO JORNAL NORTE-AMERICANO *THE NEW YORK TIMES*

Censorship, distance and approaches: coverage of o pasquim in the north american newspaper the new york times

Censura, distanciamento y enfoques: cobertura acerca de o pasquim en el periodico norteamericano the new york times

Márcia Neme Buzalaf

Universidade Estadual de Londrina
marciabuzalaf@gmail.com

Resumo

A história do jornalismo brasileiro durante a ditadura civil-militar vem sendo enriquecida à medida que novas fontes historiográficas são reveladas e analisadas. O objetivo deste artigo é situar o olhar estrangeiro do jornal norte-americano *The New York Times* sobre a publicação *O Pasquim* durante o período de censura, entre 1969 e 1975, quando foram publicadas cinco reportagens sobre o semanário carioca, e discutir os critérios de noticiabilidade do jornal norte-americano sobre a censura aos impressos brasileiros, bem como a forma com que o *Pasquim* foi representado e a relação entre as políticas dos governantes, os movimentos culturais nos Estados Unidos em um dos jornais mais importantes do mundo.

Palavras-chave: *O Pasquim. The New York Times.* Critérios de noticiabilidade. Ditadura civil-militar.

Abstract

Brazilian journalism history during the civil-military dictatorship has been enriched as new historical sources are revealed and analyzed. This article aims to situate the foreign perception of the North American newspaper *The New York Times* about *O Pasquim* during censorship, between 1969 and 1975, when it was published five stories about the brazilian newspaper, and to discuss the newsworthiness criteria of the north-american newspaper about censorship in brazilian press as well as how they have represented *O Pasquim* and the relationship between state politics and cultural movements in the United States in one of the most important newspaper in the world.

Key words: *O Pasquim. The New York Times.* Newsworthiness criteria.



Resumen

La historia del periodismo de Brasil durante la dictadura cívico-militar se ha enriquecido como nuevas fuentes historiográficas son reveladas y analizadas. El propósito de este artículo es poner la mirada extranjera del diario estadounidense *The New York Times* en la publicación *O Pasquim* durante la censura entre 1969 y 1975, cuando se publicaron cinco informes sobre el diario brasileño y también discutir los criterios de interés periodístico del diario estadounidense sobre la censura de prensa de Brasil, entender la representación de *O Pasquim*, y la relación entre las políticas de los gobernantes, movimientos culturales en los Estados Unidos en uno de los periódicos más importantes del mundo.

Palabras clave: *O Pasquim*. *The New York Times*. Criterios de interés periodístico.

1 INTRODUÇÃO

No dia 20 de novembro de 1970, uma sexta-feira, o ilustrador Cláudius, colaborador assíduo do semanário *O Pasquim* (1969-1991), viajava pelos Estados Unidos quando leu no jornal *New York Times* (*NYT*) que vários membros da equipe da publicação brasileira haviam sido presos no Rio de Janeiro. Este depoimento, registrado no documentário *Pasquim – A Subversão do Humor* (2004), e a digitalização de grande parte da imprensa internacional ampliaram as possibilidades de compreensão dos registros sobre a censura durante a ditadura no Brasil. Ao entrar em contato com jornais estrangeiros, é possível perceber a diversidade de publicações que noticiaram a ditadura e a censura à imprensa brasileira, pluralizando os registros sobre a relação entre os países e os movimentos culturais e de imprensa da época.

A cobertura feita pelas publicações internacionais sobre o golpe e o regime militar no Brasil foi extensa, eclética e rica em representações. O *New York Times* (*NYT*) produziu cinco reportagens exclusivamente sobre a censura ao *Pasquim*, sendo que três delas foram publicadas durante a prisão da equipe, precisamente nos dias 20 de novembro, 24 de dezembro (quinta-feira) e 28 de dezembro de 1970 (segunda-feira). Uma outra reportagem viria a ser feita mais de dois anos depois, na quinta-feira de 17 de fevereiro de 1973 e, a última, também em uma quinta, em 11 de julho de 1975 - todas variam significativamente de tamanho de uma para outra, mas com a temática da censura ao *Pasquim* como assunto principal.

O material foi facilmente encontrado no site do *NYT*, que tem seu acervo completo, desde a primeira edição em 1851, digitalizado e disponível para consulta parcial; qualquer

pesquisador pode ler o resumo do texto escolhido. O acesso às reportagens na íntegra, e como foram publicadas nas páginas do jornal, só se dá após a confirmação da compra, e os arquivos são enviados via email, um a um, digitalizados.

Entre os assuntos que se tornaram notícia nos jornais citados, atos institucionais, prisões, censura, torturas, assassinatos e mudança de ditadores são recorrentes. Vale ressaltar a premissa de Jorge Pedro Sousa (1999) na qual um acontecimento só se torna notícia por ação de um processo decisório jornalístico.

O objetivo deste artigo é analisar a cobertura feita pelo *NYT* sobre a censura ao *Pasquim* e fortalecer o debate sobre os jornais censurados a partir do olhar estrangeiro, e como esta documentação pode colaborar para a história da imprensa brasileira ao registrar os fatos jornalísticos sobre o Brasil fora do Brasil. O jornal norte-americano não é considerado objeto, mas, sim, fonte de pesquisa sobre a censura ao *Pasquim*. Partiremos do “fenômeno para conectá-lo ao processo”, como orienta Sylvia Moretzsohn (2007, p. 289).

A escolha pelas matérias jornalísticas publicadas pelo *NYT* deriva da importância política e da circulação internacional do jornal, o que nos possibilita dizer que ele teria sido, também, uma fonte de informação para os exilados políticos sobre o Brasil. Lançado ainda no século XIX, o *NYT* sempre teve articulações próximas com as esferas de poder, sendo representado como a social encarnação da expressão “o quarto poder”, como discute Gay Talese, no livro *Reino e Poder – uma história do New York Times* (2000).

O olhar estrangeiro, na diferenciação do outro e na representação de uma cultura alheia, influencia e é influenciado pela temporalidade. O intenso passeio libertário de ideais contestatórios entre fronteiras territoriais é evidente na inquietação político-cultural dos anos 1960/70, como contextualiza Marcelo Ridenti: “(...) além das especificidades sociais brasileiras daquela conjuntura, havia um mal-estar mundial nas universidades, uma ‘crise da cultural burguesa’ em todos os cantos do globo, com a qual tomavam contato também os estudantes brasileiros” (1993, p. 149).

Este artigo apresenta resultados da pesquisa desenvolvida entre 2013 e 2015 na Universidade Estadual de Londrina (UEL), intitulada “Relatos, registros e representações: a censura brasileira na visão da imprensa internacional”, que, apesar de constituir parte da memória sobre o período, foca, aqui, na análise do ambiente de produção jornalística e nos critérios de noticiabilidade que fizeram com que certos acontecimentos relacionados ao jornal *O Pasquim* se tornassem fatos jornalísticos para o *NYT*.

2 APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS

A relação entre as ditaduras latino-americanas e os Estados Unidos vem sendo desnudada nas últimas décadas de forma gradual e analítica, fundamentada na liberação de documentos públicos dos dois países, fato que amplia mais a necessidade de se entender como as publicações, no calor daqueles anos e a países de distância, olharam para a ditadura, o que pautaram e a forma com que retrataram esta realidade. Importa, aqui, reunir o máximo de informações possíveis sobre os critérios de escolha dos assuntos sobre o *Pasquim*, como a autoria, o tamanho, o contexto, a linguagem e a natureza desta cobertura jornalística. Percebemos, de antemão, que o semanário carioca aparece como pauta do *NYT* quando acontecem ações violentas, como a prisão dos jornalistas e o recolhimento das edições nas bancas.

Dois espectros de obras mergulham na relação entre Estados Unidos e a ditadura brasileira: o primeiro versa sobre a participação dos norte-americanos no planejamento do golpe, como no livro de Flávio Tavares e no documentário dirigido por seu filho Camilo Tavares, *O dia que durou 21 anos*. Flávio Tavares foi um dos presos políticos trocados pelo embaixador norte-americano Charles Elbrick, em 1969, retratado no livro e no documentário de mesmo nome, dirigido por Sílvio Da-Rin, *Hércules 56*.

O segundo espectro de discussão traz os setores de oposição à ditadura nos Estados Unidos, localizados, majoritariamente, no campo cultural. James N. Green, pesquisador norte-americano e ativista durante os anos 60 e 70, no livro *Apesar de Vocês – oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*, retoma os movimentos culturais que se mobilizaram contra a violência e a censura no Brasil a partir de uma farta documentação oficial dos dois países e da imprensa da época.

A importância da reflexão que Green faz vai além da trilogia maniqueísta dos que foram contra, dos que apoiaram e dos que se omitiram. Amparados pela distância e compartilhando um sentimento coletivo de contracultura e direitos humanos que marcaram a geração de 1968, setores da sociedade civil norte-americana tiveram manifestações declaradamente em apoio e circunstancialmente em repúdio à ditadura. Assim como os impressos brasileiros, o *The New York Times* foi engrossando o coro dos descontentes com o passar dos anos e com os decretos dos atos institucionais. Depois de produzirem várias reportagens no início dos anos 60 sobre o perigo dos comunistas no Brasil, publicaram, já no

final da década, artigos e manifestos, especialmente contra prisões, como a de Caio Prado Júnior e dos membros do grupo de teatro Living Theatre, ambas em 1970, e contra a tortura, principalmente no início dos anos 70.

Segundo Green, um mês após o golpe, o *NYT* reconheceu que “desde 1º de abril a revolução encarcerou milhares de supostos ‘subversivos’. Num editorial sobre a ‘revolução brasileira’, uma semana mais tarde, o *Times* apontou alguns excessos do novo governo” (GREEN, 2009, p. 74-75). Entretanto, as publicações eram esporádicas e demoraram a chegar à opinião pública.

Ainda segundo Green, a visão dos correspondentes teria sido fundamental para a ampliação da visão sobre a “revolução” propagada e apoiada pelo governo norte-americano, além das cartas escritas por intelectuais brasileiros. Em 12 de novembro de 1965, o cientista político Helio Jaguaribe publicou, no *NYT*, o texto “Brazil’s Castelo Branco regime opposed”, pedindo para que brasileiros que morassem no exterior formassem “comitês de resistência democrática” (GREEN, 2009, p. 118).

De acordo com o pesquisador norte-americano, assim como parte da grande imprensa brasileira, os jornais aqui citados só passaram a de fato criticar a ditadura a partir de dezembro de 1968:

Os principais órgãos de imprensa dos Estados Unidos raramente caracterizavam o governo do Brasil como ditadura militar e tampouco dirigiam comentários editoriais desfavoráveis ao regime. Após o AI-5, entretanto, o governo Costa e Silva passou a ser fortemente criticado nas páginas editoriais dos principais jornais do país (GREEN, 2009, p. 146).

Um editorial do *NYT* é sintomático para entender a relação transversa e multipolarizada do jornal em relação à ditadura brasileira. Publicado em 18 de dezembro de 1968, o texto teria deixado alguns militares indignados pela crítica à eliminação da “limitada democracia”. Porém, as palavras do *Times* evidenciam a convergência de pensamentos sobre a legitimidade do golpe entre o jornal e o governo norte-americano.

Os militares tiveram boas razões para derrubar o governo corrupto do presidente Goulart em 1964, pois na época o Brasil se atolava na anarquia e no caos econômico. Não há qualquer motivo para eliminar a limitada democracia permitida no governo do Sr. Costa e Silva a fim de satisfazer uma facção de funcionários hipersensíveis que reivindicam o monopólio do patriotismo e da honestidade. (NEW YORK TIMES, 1968, *apud* GREEN, 2009, p. 149)

Este é um dos editoriais que confundem o pesquisador que busca uma resposta uníssona ao posicionamento do *NYT* em relação à ditadura no Brasil. Ao relevar a importância do jornal como espaço para o debate entre intelectuais exilados, artistas estrangeiros engajados e correspondentes internacionais, é possível ir além dos textos impressos publicados sobre o tema e refletir sobre o jornal como um campo híbrido de narrativas. Tetê Moraes, que trabalhou no jornal alternativo *O Sol*, relata que tanto o *NYT* quanto o *Washington Post* recebiam dossiês via correspondentes dos jornais ou brasileiros que viajavam ao exterior (GREEN, 2009, p. 201).

Para reforçar o posicionamento controvertido do jornal *NYT*, é importante registrar o título da matéria publicada sobre a morte do jornalista Vladimir Herzog: “Telejornalista brasileiro suspeito de comunismo morre na prisão em presumido suicídio” (GREEN, 2009, p. 444). O diário norte-americano, mesmo gozando de distanciamento físico, optou por reforçar a versão oficial dos militares que assassinaram Vlado, utilizando a palavra “suicídio”.

3 O NANICO E OS NORTE-AMERICANOS

O Pasquim tem uma importância singular para entender o período mais difícil da censura. Ao mesmo tempo em que era um jornal de contestação, não pode ser encarado como uma publicação que lutou contra o sistema ditatorial como o *Opinião*, o *EX*, o *Movimento*, *Brasil Mulher...* Difere-se, portanto, de outros jornais da chamada imprensa alternativa combativa, principalmente no conteúdo, na forma e nos objetivos.

Lançado em 26 de junho de 1969 por um grupo de escritores e ilustradores já conhecidos na rede de intelectualidade carioca, o *Pasquim* foi o único que conviveu com os diferentes períodos da ditadura e só fechou depois da primeira eleição direta para presidente da república - seu último exemplar foi publicado em 1991. Foram, ao todo, 1.072 edições durante seus 22 anos de existência, entre várias e diversas equipes editoriais. Apenas o ilustrador Sergio Jaguaribe, conhecido como Jaguar, ficou da primeira à última edição.

Grande parte do sucesso do *Pasquim* nos primeiros anos de publicação (que, no primeiro ano de publicação, atingiu a tiragem de 250 mil exemplares) pode ser atribuída à linha editorial fundamentada no humor, à irreverência visual e discursiva e, não menos importante, ao grupo dos colaboradores que escreviam para o jornal em duas frentes: ou para

ajudar a produzir as edições, principalmente quando grande parte da redação foi presa, ou como correspondentes do exílio. Esta rede de ajuda incluía artistas, escritores e intelectuais como Chico Buarque, Rubem Braga, Antonio Callado, Glauber Rocha, Paulo José, Antonio Houaiss e Norma Bengell.

O norteamento para a análise dos textos do *New York Times* vem da categorização feita pelo português Jorge Pedro Sousa dos níveis de influência sobre a notícia:

- 1) Acção pessoal – as notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções;
- 2) Acção social – as notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social, particularmente do meio organizacional, em que foram construídas e fabricadas;
- 3) Acção ideológica – as notícias são originadas por forças de interesse que dão coesão aos grupos, seja esse interesse consciente e assumido ou não;
- 4) Acção cultural – as notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência);
- 5) Acção do meio físico e tecnológico – as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no seu processo de fabrico e do meio físico em que são produzidas;
- 6) Acção histórica - as notícias são um produto da história, durante a qual interagiram as restantes cinco forças que enformam as notícias que temos (acções pessoal, social, ideológica, cultural e tecnológica). (SOUSA, 1999, n.p.)

Sousa (1999) ressalta que estas influências devem ser consideradas de forma integrada e interdependente, originando, assim, uma visão ampla e complexificada do porquê as notícias são como são.

A repercussão sobre a prisão de grande parte da equipe do *Pasquim*, em novembro de 1970, amplia os debates sobre a censura e as formas de reagir. A cobertura feita pelo *NYT*, neste sentido, vem mostrar que o critério de noticiabilidade estaria mais focado em fatos e relatos específicos da violência direta e indireta, como a suspensão de um periódico ou a prisão e morte de pessoas, do que de reportagens investigativas sobre o contexto de violência no Brasil.

3.1 Os textos do *New York Times*

Discutir a imprensa estrangeira é caminhar em campo de espinhos escondidos, já que o objetivo não é prioritariamente entender a conduta jornalística do *New York Times*, mas

extrair, dos textos publicados, as aferições propagadas sobre o regime ditatorial, o relato de fatos proibidos no Brasil e as contribuições para as diferentes visões sobre a censura. Percebe-se que, em uma análise detalhada, cada texto discorre sobre diferentes atitudes restritivas que o jornal *O Pasquim* sofreu, bem como sobre a violência aplicada aos que se opuseram ao regime. Sousa, ao combinar as ações que interferem na produção de notícias, evidencia a problemática dos critérios de noticiabilidade, quando se reflete sobre o que se torna notícia. O processo decisório que transforma um acontecimento em um fato jornalístico, no caso das matérias do *NYT*, pode ser enquadrado no que o autor chama de ação histórica, quando as cinco forças – pessoal, social, ideológica, cultural e do meio físico/tecnológico – atuam para a configuração da mensagem jornalística.

Para analisar cada item, serão apresentados o título do texto traduzido na íntegra e, ao longo de cada análise, alguns trechos das matérias do *The New York Times* que explicitam o foco de cada narrativa.

3.1.1 Primeiro texto: “Irônico ‘Pasquim’ publica edição no Rio apesar da prisão de funcionários”

Satirical 'Rag' Puts Out Issue In Rio Despite Arrest of Staff

RIO DE JANEIRO, Nov. 20 (AP)—A popular satirical publication called *O Pasquim* (The Rag) came out this week despite the arrest of its staff. Artists and intellectuals not on the staff put out the weekly issue.

The staff members were arrested two weeks ago in a roundup of persons suspected of subversion and of opponents of the military-dominated Government. The Government said it was seeking to prevent terrorism prior to last Sunday's legislative elections.

Most of the estimated 5,000 Brazilians arrested have been released, including some of *O Pasquim's* staff. The nine regular editors and writers were still being held this week without charges.

The edition of the weekly printed its usual sharp satire. There were veiled references that must have seemed pointless to all but the best-informed readers.

The volunteer editors included such noted Brazilians as Roberto Carlos and Chico Buarque de Holland, singer-

composers; Antônio Calado, an author; Glauber Rocha, film producer, and Noe Nuttels, an anthropologist.

In the 17 months since the weekly began its satirizing of the Government and various sacred cows, its circulation has grown to 200,000.

Democratic rights were virtually replaced by direct rule by the President and the military in 1968 and censors then were placed in newspaper offices. Censorship was relaxed somewhat later and newspapers and broadcasters now operate under indirect censorship.

The New York Times

Copyright © The New York Times
Originally published November 22, 1970

Figura 1 – Primeiro texto do *NYT*

Fonte: SATIRICAL 'rag' puts out issue in Rio despite arrest of staff. *The New York Times*, Nova Iorque, 20 nov. 1970.

O primeiro texto sobre o *Pasquim*, de 20 de novembro de 1970, traz como notícia central a prisão dos jornalistas, que completava duas semanas. Aborda, prioritariamente, a manutenção do jornal e a nova composição de colaboradores, como Chico Buarque e Glauber

Rocha. O “rush da solidariedade”, como foi chamado o movimento de ajuda dos artistas e intelectuais para conseguirem manter o jornal, também é abordado pelo *New York Times*.

A rede de colaboradores que se formou em torno do *Pasquim* conseguiu imprimir várias edições do jornal, apesar de outras limitações impostas pela censura. Ao situar a prisão no contexto de repressão política, o texto declara a situação brasileira analisando a censura à imprensa:

Os funcionários foram presos duas semanas atrás em um apanhado geral de pessoas suspeitas de subversão e de oponentes do domínio do governo militar. O governo disse que estava buscando evitar terrorismo antes das eleições legislativas do último domingo.

A maioria dos 5.000 brasileiros presos foi solta, incluindo alguns dos funcionários do *Pasquim*. Os nove editores e escritores ainda estavam sendo mantidos presos essa semana sem acusações. [...]

Direitos democráticos foram substituídos pelo comando direto do Presidente e do exército em 1968, e censores foram colocados nas redações dos jornais. A censura foi relaxada um pouco mais tarde e jornais e locutores de rádio operam sob uma censura indireta (tradução da autora).

O conteúdo do texto ameniza a censura oficial (indireta) e desconsidera a autocensura, porém, reflete sobre o clima de prisões e de rotulações de setores conservadores sobre diferentes grupos sociais. Além disso, este texto faz uma leitura sobre a publicação brasileira, indicando seu crescimento de vendas (que chegava a 200 mil) e seu tom de sátira, presente na edição feita pelos colaboradores do jornal: “A edição do semanário publicou sua sátira afiada de costume. Havia referências veladas que podem ter parecido sem sentido para todos, menos para os leitores bem informados” (tradução da autora).

O texto não é assinado por ninguém, mas registra, no início, a sigla AP, o que sugere que seja uma matéria produzida pela agência internacional de notícias Associated Press, ampliando os indícios de que este texto pode ter sido publicado por outros jornais ocidentais.

3.1.2 Segundo texto: “Chefe do grupo Hemisfério da Imprensa critica censura brasileira”

Head of Hemisphere Press Group Assails Brazilian Censorship

By JOSEPH NOVITSKI
Special to The New York Times

RIO DE JANEIRO, Dec. 23—The president of the Inter-American Press Association, a Brazilian newspaper publisher, has condemned Brazil's censorship of the press and what he termed persecution of journalists. The police prohibited the publication of the statement in Brazil.

The incident was one of three today that demonstrated the Brazilian policy of unofficial censorship and harassment of the country's press, radio and television, as well as selected foreign correspondents.

After detaining and interrogating a French correspondent for 27 hours, the Government released him last night and asked him to leave the country before Saturday. Yesterday the Federal police chief for the Rio de Janeiro region authorized the publication of a satirical weekly, *O Pasquim*, which was suspended without judicial order last week, but he stipulated that each issue must be submitted for approval before it is released for sale.

But nine of the weekly's editors, administrators and cartoonists arrested in early November were still being held for investigation by the army without formal charges.

'Does Not Create Facts'

M. F. do Nascimento Brito, in his statement as president of the Inter-American Press Association said: "It must be understood in Brazil that the press does not create facts. It is only a reflection of facts, the mirror of reality."

Mr. Nascimento Brito, who is executive director of Rio's *Jornal do Brasil*, one of South America's leading newspapers, appeared to be addressing himself to an attitude toward the press that has prevailed recently in Brazil's military Government. According to that attitude, newsmen are responsible for unpleasant news and mass communications media should be controlled in the Government's interest.

The control is exerted in indirect ways, most often by threats. For example, newspaper publishers have been warned by Justice Minister Alfredo Buzaid not to publish notes or manifestos delivered by the urban terrorists who on Dec. 7 kidnapped the Swiss Ambassador to Brazil, Giovanni Enrico Bucher.

The New York Times
Copyright © The New York Times
Originally published December 24, 1970

Figura 2 – Segundo texto do NYT

Fonte: NOVITSKI, Joseph. Head of Hemisphere Press Group assails Brazilian censorship. *The New York Times*, Nova Iorque, 24 dec. 1970.

Joseph Novitski assina o texto publicado no dia 24 de dezembro de 1970, que chama a atenção para a censura aos jornalistas brasileiros e estrangeiros. Publica, de forma contundente, a dificuldade do trabalho jornalístico no país e as táticas da censura, além do posicionamento de setor representativos, como a Associação Interamericana da Imprensa e o *Jornal do Brasil*. Estas declarações haviam sido proibidas de serem publicadas no Brasil.

As formas de controle sobre a imprensa eram diversas, como publica o *New York Times* nesta edição:

O controle é exercido de maneiras indiretas, na maioria das vezes por ameaças. Por exemplo, editores de jornal foram avisados pelo Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, para não publicarem notas de manifestos feitos pelos terroristas urbanos que no dia 07 de dezembro sequestraram o Embaixador da Suíça no Brasil, Giovanni Enrico Bucher (tradução da autora).

Novitski era correspondente do *New York Times* no Brasil e, segundo dados oficiais obtidos por James Green, ele constava, juntamente com outros correspondentes críticos, na lista de jornalistas “hostis” ao regime (2009, p. 293).

A pesquisa de Green mostra que Novitski fez uma cobertura jornalística intensa nos setores culturais censurados do Brasil durante o período. Ele publicou, em 1969, no *NYT*, uma entrevista com Caetano Veloso e Gilberto Gil sobre a prisão deles e sobre o exílio compulsório de ambos, pauta que parecia ser importante para o diário norte-americano.

3.1.3 Terceiro texto: “Brasil suspende semanário crítico”

BRAZIL REPRIEVES CRITICAL WEEKLY

Opposition Tabloid Restored
After 2-Week Suspension

By JOSEPH NOVITSKI
Special to The New York Times

RIO DE JANEIRO, Dec. 27—Two weeks ago, two telephone repairmen mounted a pole outside a two-story house that houses the satirical weekly tabloid *O Pasquim*, the only consistently critical gadfly permitted by the Brazilian military Government in a controlled press.

A secretary inside noticed the men and asked what they were doing.

"Fixing your phones," one answered.

"But our phones are fine," the secretary said.

"We have orders from the telephone company to fix them," a repairman said, turning back to work. In a few minutes the newspaper's telephones were as unofficially dead as the paper itself, closed five days earlier by a single call from the army general commanding Brazil's federal police in the Rio de Janeiro region.

Last Tuesday, the telephones were restored and the paper was resurrected under conditions of censorship that appeared designed to put an end to the publication's 18-month history of irreverent, sometimes awkward, and indirect criticism of the Government. The same general had reinstated the paper, allowing it to be sold only after the police censors had seen one dummy copy of the proposed weekly press run. All but three of the weekly's staff, however, were still in prison, where they had been for over one month.

Crackdown Began Nov. 1

The weekly's fate was an example of the fluctuating informal rules that appear to govern repression of criticism or opposition under the slowly evolving military regime that has governed Brazil, with steady civilian help, since April 1964.

O Pasquim—the name means The Broadside—had been submitting to police censorship before publication each week for three months before last Nov. 1, when soldiers wearing civilian clothes and carrying sub-machine guns raided its editorial headquarters. Apparently what had once been officially permitted had become an offense.

That day began a crackdown on opponents of the regime headed by Gen. Emilio G. Médici, apparently undertaken by subordinate military commanders in Brazil's largest city.

In succeeding days, thousands of arrests were reported unofficially, including those of three lawyers seized by men wearing black hoods over their faces. The lawyers and many others have been released.

Most of the founding editors and cartoonists, writers and administrators of *O Pasquim* are still imprisoned, as they have been since early November, by the army, which is the Government's senior partner.

No Charges Filed

They have been held without charges at the sprawling central army base for the Rio de Janeiro area. Friends and relatives say they have been consistently well-treated, although one hippie was recently given a recruit's haircut.

They are being held for what the Justice Minister, Alfredo Buzaid, has called an investigation of subversion and offenses against the National Security Law.

In its brief, controversial life, *O Pasquim* became highly successful, outselling, at its point of highest circulation earlier this year, all daily newspapers and most weekly magazines.

Its readers relished the glimpse of Bohemian life in Rio's nightclubs and repeated the inside jokes. They also looked to the paper for veiled barbs of opposition.

"*O Pasquim*—a paper of opposition to the Greek Government," the tabloid once proclaimed on its masthead.

When President Médici's exclamation of "no one can hold this country back!" was adopted as an unofficial Government slogan earlier this year, *O Pasquim* published the slogan under an old engraving of a terrified sleigh driver plummeting down a snowy cliff, the broken reins dangling in his hands.

Patriotism Qualified

When bumper stickers proclaiming "Brazil — love it or leave it" appeared on cars across the country, apparently with some Government support, *O Pasquim* published in cartoon form the popular underground joke that went: "Brazil, love it or leave it— and the last one out turn off the airport lights."

The cartoonist responsible for the two ideas, Ziraldo Alves Pinto, was one of those arrested Nov. 1, along with the writer Luis Carlos Maciel—the hippie—and Paulo Francis, an intellectual who has translated articles from the *New Yorker* on alleged atrocities by American troops in Vietnam.

When a reader once wrote to the paper asking Mr. Francis why he didn't turn his dry, sometimes venomous criticism from Vietnam and the United States to Brazil, the writer replied: "Haven't you ever heard of allegory?"

The New York Times

Copyright © The New York Times
Originally published December 28, 1970

Figura 3 – Terceiro texto do NYT

Fonte: NOVITSKI, Joseph. Brazil reprieves critical weekly: opposition tabloid restored after 2-week suspension. *The New York Times*, Nova Iorque, 28 dec. 1970.

Mais uma reportagem do correspondente do *New York Times*, Joseph Novitski, sobre a censura ao *Pasquim*. Publicada no dia 28 de dezembro de 1970, o texto tem notas extremamente críticas em relação ao Brasil e define, logo no primeiro parágrafo, o *Pasquim* como o "único consistentemente crítico perturbador permitido pelo governo militar brasileiro em uma imprensa controlada".

Considerando que vários membros do *Pasquim* ainda estavam presos, nota-se a relevância que a pauta ganhou para o correspondente. Novitski relata a

situação que estava proibida de ser publicada no Brasil. “Eles estão detidos sem acusações, na base do exército da área do Rio de Janeiro” (tradução da autora).

Além disso, segundo o texto, a polícia federal do Rio de Janeiro suspendeu algumas vezes a publicação do semanário e grampeou o telefone da redação. A reportagem mostra o cerco ao jornal carioca no seguinte trecho:

Na última terça, os telefones foram consertados e o jornal foi restaurado sob condições de censura que pareciam designadas para colocar um final na história da publicação de dezoito meses da irreverente, às vezes estranha, e indireta crítica ao Governo. O mesmo general tinha aberto novamente o jornal, permitindo que fosse vendido somente após os censores da polícia tivessem visto uma cópia do semanário. Todos, com exceção de três funcionários do semanário, entretanto, ainda estavam na prisão, onde permaneciam há mais de um mês (tradução da autora).

Novitski classifica o *Pasquim* como um jornal de “oposição velada”. Relata, aos leitores, uma sátira a respeito do lema “Brasil – ame-o ou deixe-o”, que foi publicado pelo semanário brasileiro com o seguinte complemento: “e o último a sair apague as luzes do aeroporto”. O autor da frase, Zivaldo Alves Pinto, é citado no texto por ainda estar preso, juntamente com Luiz Carlos Maciel e Paulo Francis, mencionado no texto como um “intelectual que traduziu artigos da *New Yorker*”. Este texto mostra algumas estratégias de comunicação na gruta da censura ao citar que Francis escrevia constante e criticamente sobre o Vietnã e os Estados Unidos na intenção de remeter, de forma alegórica, ao Brasil.

3.1.4 Quarto texto: “Brasil impõe varredura de restrições à imprensa e instala censores nas salas de redação dos poucos jornais que resistem”



Figura 4 – Quarto texto do NYT
Fonte: ROWE, Marvine. Brazil imposes sweeping press curbs and installs censors in newsrooms of the few papers that resist. *The New York Times*, Nova Iorque, 17 fev. 1973.

“Toda noite, por volta das 11hs, um censor da polícia federal brasileira entra na sala de redação de *O Estado de São Paulo*, o jornal mais influente do país, lê todas as provas e corta qualquer material que lide com tabus ou pareça ‘inconveniente’” (tradução da autora). É com esta frase que Marvine Rowe abre esta extensa reportagem publicada no dia 17 de fevereiro de 1973 pelo NYT, e que discorre sobre a presença de censores nas redações dos jornais.

Ao citar alguns jornais da imprensa comercial e da alternativa, o texto iguala os discursos e atitudes destas publicações, neutralizando as diferenças evidentes entre os meios, como no trecho a seguir:

O Estado de São Paulo é o líder de um pequeno grupo de jornais que se recusa a obedecer essas proibições oficiais da imprensa. Os outros que desafiaram o governo, e como consequência sofrem com a presença dos policiais nas suas salas, são o jornal da família Mesquita, *Jornal da Tarde*, o sensacionalista *Jornal do Rio*, *Tribuna da Imprensa*, e outros três semanários: *Opinião*, *Politikan* e *O Pasquim* (tradução da autora).

O texto é mais centrado no jornal *O Estado de S. Paulo* e utiliza, inclusive, duas falas do “Sr. Mesquita” (Júlio de Mesquita Neto) sobre o contexto de produção das notícias: “Nós

não vamos nos conformar com a prática do totalitarismo” e “Nós não vamos nos censurar. Nós criamos o jornal como se não houvesse nenhum censor. Se eles cortarem não é nossa responsabilidade”. Esta posição se contrasta com o que é relatado sobre outros meios de comunicação, não citados nominalmente, mas que já haviam sucumbido à autocensura.

O ponto de relevo desta publicação é a descrição de algumas práticas de censura. A autora Marvine Rowe, que assina “Especial para o New York Times”, demonstrando não ser funcionária do jornal, não cita fontes nem demonstra como chegou a estas informações, mas afirma que os censores telefonavam constantemente para informar sobre os assuntos proibidos. “A lista varia de semana para semana e pode incluir incidentes pequenos, bem como questões importantes de política”, diz o texto, que alerta para um fato daquele momento, que podemos classificar como motivador desta reportagem do *NYT*: “A ordem mais controversa publicada pelo ministro da Justiça em setembro proíbe todas as notícias, comentários ou entrevistas do relaxamento político do regime na democracia do Brasil, e da situação econômica e financeira no geral” (tradução da autora).

Mesmo com determinações expressas e constantemente renovadas, o que limitaria a existência de qualquer tipo de jornal, a prática da censura variava de acordo com os “censores locais”, fato que tem consonância com a relação entre os censores do *Pasquim*, que acabou publicando ironias politicamente demarcadas mesmo sob a avaliação prévia dos militares.

A matéria, que ostenta, inclusive no título, uma perspectiva crítica em relação à censura, apresenta, também, um tom discretamente elogioso à ditadura ao alegar que apoiadores do regime teriam eliminado a “oposição perigosa” e ganho “respeito pelo progresso econômico e político do país”. É difícil analisar este trecho sem saber, de fato, sobre todas as outras coberturas feitas pelo *NYT* a respeito do tipo de desenvolvimento sob o governo dos militares, mas percebe-se, como em outras matérias do jornal, uma tendência a relativizar os efeitos nocivos do sistema ditatorial.

3.1.5 Quinto texto: “Tortura e preocupação no Brasil”

Torture and Harassment in Brazil

Of a thousand grotesque incidents in Brazil in April, here are three that have not yet found their way into the censored Brazilian press:

• **Week of April 14:** Millor Fernandes, director of the humorous weekly magazine *Pasquim* and a regular contributor to the newsweekly *Veja*, was seized in his Rio de Janeiro office by plainclothes policemen, taken to police headquarters and stripped to his waist. The laughing policemen fingerprinted him dozens of times, hung an I.D. numeral around his neck, photographed him, ridiculed him, and then let him go.

• **Tuesday, April 22:** Fausto Cupertino, at one time a writer for the leading Rio newspaper *Jornal do Brasil* and secretary of the Brazilian Press Association, was tortured in Rio de Janeiro at the headquarters of the political police. It was doubtless not his first day of torture. He had been under arrest since February for alleged subversive activities, such as having knowledge of the location of printing presses for the newspaper *Voz Operária*.

On April 22 at least one of his ribs was broken. The next day, Mr. Cupertino was transferred to a prison in São Paulo. The police forces at that prison are widely regarded as among the most brutal in Brazil.

• **Early April:** Majer Kucinski, who is seventy years old, was asked to visit the secret-police headquarters in São Paulo. This was no ordinary request, and no ordinary occasion. In another two weeks, on April 22, it would be exactly one year since Mr. Kucinski's daughter, Ana Rosa Kucinski Silva, and her husband, Wilson Silva, had disappeared.

The family had long known that Ana and Wilson had been arrested by the police and that they had almost certainly been tortured, but repeated requests to the highest Brazilian authorities had failed to elicit solid evidence of their fate.

At the time of her disappearance, Ana had been a university professor of chemistry in São Paulo. Her husband was a physicist who had worked as a computer programmer in industry.

By C. O. Majuda

If Ana was alive in April, 1975, she would be 33 years old.

Perhaps because her father, Majer, was an elderly man and a writer well known in Brazil and abroad for his work on Sholem Aleichem he had not yet been touched by the police.

He went to police headquarters with renewed hope for some word on his daughter and son-in-law. What happened instead was that the secret police subjected him to relentless grilling. They demanded to know why he had recently placed an advertisement in the newspapers requesting information on Ana's whereabouts. (With the partial lifting of direct Government censorship on the press early this year, a few such advertisements have appeared.) They demanded to know who had recommended his lawyer to him. They demanded to know who had put him in touch with the Catholic Justice and Peace Commis-

sion. (This commission has received scores of complaints every single month this year, as in the past, from family members or friends of illegally detained persons, most of them tortured.) He was told: "Don't you know that your daughter just disappeared of her own choosing and didn't tell you about it?"

The badgering went on for hours. Finally the police let him go.

Then the family lawyer was called in, not to the secret-police headquarters itself but to an ordinary police station nearby. Although some Brazilian lawyers have been arrested and tortured in the recent past, their special status as authoritative witnesses poses a peculiar problem for the police, who otherwise disregard the legal rights of Brazilian citizens with considerable impunity.

The lawyer was also badgered. The police accused him of being linked to "the Communist conspiracy." He was asked: "How many times have you visited the Soviet Union?" The questioning went on in that vein. Then

Copyright © The New York Times
Originally published July 11, 1975

Figura 5 – Quinto texto do NYT

Fonte: MAJUDA, C. O. Torture and Harassment in Brazil. *The New York Times*, Nova Iorque, 11 jul. 1975.

A reportagem, assinada sob o pseudônimo C. O. Majuda, um professor que havia visitado o Brasil em 1975, foi publicada no dia 11 de julho, poucos meses antes do outubro de prisões de vários jornalistas e do assassinato de Vladimir Herzog, o Vlado. O uso do pseudônimo indica dificuldade em assumir a identidade própria, reflexo do agravamento na violência do regime militar, em relação à censura e, principalmente, em relação ao desaparecimento e morte de brasileiros.

Três assuntos, sendo um dado com maior relevância, vem à tona neste texto anônimo publicado em 11 de julho de 1975: (a) Millôr havia sido levado ao quartel general da polícia, foi despido até a cintura, fichado e depois liberado; (b) o jornalista Fausto Cupertino havia sido novamente preso e torturado na tentativa dos militares conseguirem informação sobre o jornal *Voz Operária*, ligado à militância trabalhista e ao movimento operário; e (c) o caso de maior destaque no texto, o desaparecimento de Ana Rosa Kucinski e seu marido Wilson Silva, que acontecera havia um ano da publicação deste texto. Ana Rosa era irmã do jornalista e pesquisador, Bernardo Kucinski, e filha de Majer Kucinski, que também foi ameaçado ao procurar a filha, como diz o texto do *New York Times*:

Majer Kucinski foi ao quartel da polícia com a esperança de alguma palavra sobre sua filha e genro. O que aconteceu, ao invés disso, foi que a polícia secreta o submeteu a um implacável interrogatório. Eles exigiram saber por que ele tinha recentemente colocado um anúncio nos jornais pedindo informações sobre o paradeiro de Ana. Eles exigiram saber quem tinha

colocado ele em contato com a Justiça Católica e a Comissão de Paz (tradução da autora).

O texto ainda registra que até o advogado da família foi ameaçado, assim como outros advogados que buscavam vítimas desaparecidas, registrando a opressão sofrida por todos os grupos sociais que lutaram contra o regime.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber manifestações de oposição à ditadura brasileira nos meios culturais e na imprensa dos Estados Unidos é uma movimentação recente no campo da historiografia e que amplia as informações sobre a censura no Brasil e sobre nossa relação plural com o país ao norte. Documentos oficiais e reportagens publicadas fora do Brasil revelam a certeza das ingerências dos censores e a violência física durante o regime, auxiliando o questionamento sobre a visão uníssona a respeito dos apoiadores e articuladores estrangeiros do golpe.

Além disso, e principalmente, esta visão dos norte-americanos demonstra uma equiparação discursiva semelhante a grande parte da imprensa brasileira que, no início, apoiou, incentivou e fortaleceu o golpe. A percepção do agravamento da ditadura e da necessidade de oposição se deu, tanto cá quanto lá, nos arredores do decreto do AI-5 e no endurecimento dos processos repressores.

Nota-se a semelhante crítica ao governo de João Goulart ao comparar trechos de dois editoriais publicados à época do golpe: o primeiro, do *New York Times*, 3 de abril de 1964, e, o segundo, do jornal *O Globo*, de 2 de abril.

As razões para a satisfação de Washington são legítimas. O governo de Goulart era tão ruim que, sob todos os pontos de vista, haverá, no final das contas, sempre um motivo para comemorar. Entretanto, tornar pública tal alegria, ainda antes de a situação ter se esclarecido, passou para o mundo a impressão – completamente equivocada – de que os Estados Unidos tinham alguma coisa a ver com o golpe (tradução da autora).

Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente de vinculações políticas, simpatias ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas, que obedientes aos seus chefes demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e disciplina, o Brasil livrou-se do Governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições [...].

O pós-68 é marcado pela extrema arbitrariedade. Neste período, o principal foco da cobertura do *New York Times* sobre a censura brasileira, especialmente quando o assunto era o

Pasquim, faz referência ao cerceamento de liberdade e ao caminho que muitos conheceram: ameaça/prisão/tortura/desaparecimento dos chamados presos políticos, evidenciando que a ação cultural ampliou seu domínio sobre as influências que a notícia sofre, compondo, desta forma, uma ação mais ampla, determinada pelos meios sociais, tecnológicos e ideológicos que influenciam ideologicamente o conteúdo destas narrativas.

Autor de três textos sobre a censura ao *Pasquim*, Joseph Novitski demonstra, nesta cobertura, ter fontes ligadas às artes no Brasil, o que demonstra esta influência cultural. O livro de Green (2009) relata, inclusive, que vários jornalistas censurados enviavam verdadeiros dossiês para jornalistas e opositores da ditadura brasileira nos Estados Unidos.

As teias que interligavam setores culturais em diferentes países no final dos anos 60 inspiram dois elementos constitutivos das reportagens: a influência tanto do governo quanto da sociedade - atitudes governamentais de apoio internacional ao golpe no Brasil e setores da sociedade civil que foram declaradamente contra -, e a semelhança entre as atitudes da imprensa internacional e da brasileira no início do regime, demonstrando afinidades ideológicas na imprensa.

Pode-se inferir que a ação histórica descrita por Sousa como um amplo critério de noticiabilidade, quando vários elementos tangenciam as decisões editoriais, teria sido determinante para a publicação destas matérias sobre o *Pasquim* mais do que a conduta favorável do governo norte-americano ao golpe, demonstrando que as pesquisas sobre o material publicado pela imprensa estrangeira precisam ser ampliadas nas várias possibilidades metodológicas que as fontes historiográficas possibilitam aos estudos da comunicação. No caso desta pesquisa, nota-se que a conjunção entre a pressão dos grupos culturais e as evidentes arbitrariedades da ditadura civil-militar teriam influenciado na composição do material jornalístico publicado pelo *New York Times*.

Se o golpe foi midiático-civil-militar, como debate Juremir Machado da Silva (2014), o apoio norte-americano - a partir das fontes registradas em pesquisas acadêmicas e fílmicas apresentadas neste artigo - também demonstra ter sido. O pós-AI-5 agravou a violência contra a imprensa, estimulando críticas ao regime anteriormente reverenciado. Neste ambiente, grupos internacionais ligados à cultura e aos direitos humanos, além do contato com os exilados, demonstram que o alinhamento entre as ações hegemônicas, tanto no Brasil quanto nos países que apoiaram o golpe, não neutralizam as denúncias das arbitrariedades da ditadura.



REFERÊNCIAS

- GREEN, John N. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HÉRCULES 56. Direção: Sílvio Da-Rin. Produção de Suzana Amado. Rio de Janeiro, 2006. 94 minutos.
- MAJUDA, C. O. Torture and Harassment in Brazil. *The New York Times*, Nova Iorque, 11 jul. 1975.
- MORETZSOHN, S. *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- NOVITSKI, Joseph. Brazil reprieves critical weekly: opposition tabloid restored after 2-week suspension. *The New York Times*, Nova Iorque, 28 dec. 1970.
- _____. Head of Hemisphere Press Group assails Brazilian censorship. *The New York Times*, Nova Iorque, 24 dec. 1970.
- O DIA que durou 21 anos. Direção: Camilo Tavares. Produção de Karla Ladeia. Brasil, 2012. 78 minutos.
- PASQUIM – a subversão do humor. Direção: Roberto Stefanelli. Brasil, 2004. 45 minutos.
- RIDENTI, M. S. *O Fantasma da Revolução Brasileira*. Editora UNESP, 1993.
- ROWE, Marvine. Brazil imposes sweeping press curbs and installs censors in newsrooms of the few papers that resist. *The New York Times*, Nova Iorque, 17 fev. 1973.
- SATIRICAL ‘rag’ puts out issue in Rio despite arrest of staff. *The New York Times*, Nova Iorque, 20 nov. 1970.
- SILVA, Juremir M. *1964: golpe midiático-civil-militar*. Porto Alegre: Sulina, 2014, 160p.
- SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>>. Acesso em: 16 nov. 2015. n.p.
- TALESE, Gay. *O Reino e o Poder: uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Original recebido em: 21-12-2015

Aceito para publicação em: 10-05-2016

Márcia Neme Buzalaf

Docente adjunta do Departamento de Comunicação da UEL na graduação e pós (lato e stricto sensu).



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.

